TERRITÓRIO, URBANIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA AMÉRICA LATINA NO PERÍODO DA GLOBALIZAÇÃO

Eixo temático: Geografía política, globalización y redes

Silvana Cristina da Silva
silvanasilva@id.uff.br
Professora da Universidade Federal Fluminense
Campos dos Goytacazes-RJ/ Brasil

Resumo

As novas dinâmicas decorrentes do processo de globalização trouxeram um redesenho das relações entre o Brasil e os territórios da América Latina em período recente. A imigração de bolivianos com destino à cidade de São Paulo vinculada ao circuito espacial de produção do vestuário, bem como a ação das empresas do ramo – nacionais e internacionais – revelam a complexidade de agentes que compõe a vida de relações dos lugares. Dessa forma, trouxemos para análise a ação desses agentes, procurando evidenciar que esses organizam os territórios, ainda que intersticialmente no caso dos imigrantes. Outrossim, destacamos que o Estado continua sendo fundamental para a compreensão do mundo contemporâneo, reafirmando as proposições da Geografia Política clássica.

Palavras-chave: Território; fluxos; urbanização; integração latino-americana; globalização.

Introdução

O Brasil ascende à sexta economia do mundo e o território expressa novas reorganizações em suas materialidades para atender as demandas da economia global. Com a mudança da divisão territorial do trabalho, também se reorganiza a integração latino-americana.

Essa integração pode ser observada pelos acordos regionais que visam maior interação entre os Estados Territoriais da América Latina, no âmbito das chancelarias, que, em geral, tem objetivos econômicos ou apenas comerciais. No entanto, há outras formas de integração em curso, como aquelas verificadas pelos intensos fluxos populacionais entre os territórios latinos.

Para explicação desse processo não pode ser negligenciada a importância do fenômeno da urbanização, especialmente considerando as especificidades da urbanização periférica, que tem como marca a ampla difusão de atividades do *circuito inferior da economia urbana* (SANTOS, 2004), a materialização da segregação espacial, a aguda desigualdade e a forte modernização, comandada pelas corporações globais e elites subservientes.

Desta forma, objetivamos evidenciar que a integração latino-americana ganha novos contornos na atualidade. O território brasileiro revela que, por trás da sexta economia do mundo, exacerba-se a exploração do trabalho e a desigualdade. Os circuitos espaciais de produção geram atividades do circuito inferior da economia urbana e do circuito superior. A intensa mobilização de mão de obra é um elemento que se conecta a esses circuitos, que funcionam dialeticamente de maneira concorrente, complementar e por dominação.

Assim, o Brasil, com sua divisão territorial do trabalho atrai fluxos migratórios intensos. Há uma significativa mobilidade de mão de obra de bolivianos vinculada à atividade do vestuário na cidade de São Paulo e em algumas cidades do interior paulista. Em geral, esses trabalhadores dedicam-se à atividade da costura e podem estar inseridos em circuitos de acumulação amplos, quando subcontratados por fornecedores de grandes empresas desse ramo, que atuam em escala planetária como a Rede Zara do Grupo Inditex (sede na Espanha) e a C&A, que pertence à COFRA Holding AG (sede na Suíça).

A globalização, que se materializa por meio do uso das novas tecnologias da informação e dos transportes, permite a segmentação dos circuitos espaciais de produção pelo mundo e induz a circulação da mão de obra, o que impõe ao Estado Territorial novas formas de tratamento da fronteira e a própria Geografia Política passa a incorporar novos atores à sua análise, sem prescindir do Estado.

Esse processo demanda à análise da Geografia Política uma hierarquização das fontes de poder para a compreensão dos territórios, juntamente considerando a articulação das escalas Global, Nacional e do lugar. A América Latina vive um novo momento em relação à construção da integração, cuja compreensão não pode estar desarticulada da análise das diversas fontes de poder, conforme destaca Raffestin (1993), e da complexidade do funcionamento desses territórios, requalificados em função da densidade das redes.

A integração latino-americana: a busca da união na diversidade

A integração da América Latina, historicamente esbarrou nas ingerências das grandes potências mundiais, que impuseram ordens e subjulgaram esses territórios. A própria denominação América Latina nos remete a esse processo, que ignorou a existências de povos que ocupavam essa região do globo.

O modelo de organização político-territorial com base no Estado-nação foi herança dos colonizadores. A antiga organização administrativa do Império espanhol deu origem aos Estados de origem hispânica na América, bem como no caso do Brasil, o Império português deu origem ao território brasileiro. A construção do sentimento de nacionalidade ocorreu por meio da violência ou foi forjado pela criação de ideologias, como a ideologia geográfica (MORAES, 2002) no caso Brasileiro, que enaltece a extensão territorial, as belezas e riquezas nacionais, juntamente com a cordialidade, hospitalidade e alegria do povo brasileiro. Tais características evidenciam as particularidades da construção da nação brasileira, ou como prefere Anderson (2008), mostram como essa *comunidade foi imaginada*.

Apesar dos conflitos, a América Latina hoje se organiza em Estados territoriais. No entanto, há uma enorme diversidade quando consideramos cada uma dessas formações socioespaciais (SANTOS, 1977), pois as materialidades se organizam quantitativamente e qualitativamente de forma distinta, juntamente impõem-se às ações distintamente.

A Tabela 01 aponta a desigualdade entre eles em diversos aspectos[1] como no Produto Interno Bruto (PIB), aparecendo o Brasil em primeiro com mais de dois trilhões de dólares de PIB e o Haiti com aproximadamente onze bilhões, em último. No entanto, os dados mostram países com economias menos dinâmicas que a do Brasil, mas com um grau de concentração de renda menor (medido pelo Índice de Gini), por exemplo, o Uruguai. O grau de urbanização é outro elemento que revela as dinâmicas diferenciadas dos territórios latino-americanos, com países extremamente urbanizados como a Argentina, Uruguai e Brasil e outros não tão urbanizados como a Bolívia, Costa Rica, Equador. Entretanto, os dados de crescimento da população urbana, indicam que a América Latina é cada vez mais urbana. É a cidade que comanda a *vida de*

[1] Não desconhecemos as críticas realizadas ao uso de indicadores, taxas e índices para medir a situação de um país. Utilizamos esses dados apenas como indicativos e não como verdades absolutas. Conjugados a esses dados é necessário uma análise dos processos históricos de cada formação socioespacial e um enforque atual, posicionando esses territórios no contexto regional e mundial.

relações[2] desses países. A urbanização ocorreu rapidamente em alguns territórios, e ainda está em curso na América Latina. O que traz especificidades a esse processo nesta região.

Tabela 01: Alguns dados sobre a América Latina

	Países	População - 2009 (mil)[a]	Produto Interno Bruto – 2010 (milhões de $)[b]	Índice de Desenvolvimento Humano - 2007[c]	Índice de Gini - 2007 (0-100) [d]	Urbanização - 2007 (%)[e]
1	Argentina	40.738	642 402	0.862	50,0	92,0
2	Bolívia	10.031	47 882	0.728	58,2	66,0
3	Brasil	195.498	2 172 058	0.810	55,0	86,0
4	Chile	17.133	257 884	0.871	52,0	88,0
5	Colômbia	46.299	435 367	0.806	58,5	74,0
6	Costa Rica	4.639	51 166	0.848	47,2	63,0
7	Cuba	11.203	108 200*	0.844	-	76,0
8	Equador	13.773	114 984	0,806	54,4	66,0
9	El Salvador	6.192	43 567	0.740	49,7	61,0
10	Guatemala	14.376	70 150	0.696	53,7	49,0
11	Haiti	10.089	11 477	0,532	59,5	47,0
12	Honduras	7.621	33 631	0.721	55,3	48,0
13	México	110.675	1 567 470	0.847	48,1	77,0
14	Nicarágua	5.822	17 711	0.686	52,3	57,0
15	Panamá	3.508	44 360	0.838	54,9	73,0
16	Paraguai	6.460	33 306	0.759	53,3	60,0
17	Peru	29.495	275 720	0.804	49,6	71,0
18	Rep. Dominicana	9.899	87 249	0.775	50,0	69,0
19	Uruguai	3.372	47 986	0.862	46,2	92,0
20	Venezuela	29.043	345 210	0.827	43,3	93,0

a – CEPAL. Observatório Demográfico da America Latina e Caribe. Urbanización em perspectiva, n. 08, outubro de 2009.
b - Fundo Monetário Internacional , 2010 e CIA World Factbook, 2010.
c e d - Relatório do Desenvolvimento Humano, PNUD, 2009.

Além da diversidade desses territórios, houve a intensificação do processo de globalização, entendido como a difusão do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2002). Alguns países industrializaram-se como o Brasil e a Argentina. No entanto, a América Latina continuou sendo subserviente às demandas dos territórios centrais e passou a abrigar unidades das grandes corporações, especialmente no final da década de 1980, com o neoliberalismo e a política de privatizações na região.

Além dos novos elementos impostos à região, antigas questões geopolíticas persistem como destaca Costa (2009). O que torna a análise da América Latina complexa.

2 O conceito de "vida de relações" foi cunhado por P. George (1968) para referir-se às solidariedades internas aos lugares.

Especificidades da urbanização na América Latina

Como já apontamos a América Latina é hoje urbana. Aqueles territórios que apresentam uma taxa de urbanização reduzida possuem grande potencial de expansão da população urbana. É fato que hoje, a vida nestes países, em grande medida, é comandada pelos processos urbanos e não há perspectiva de reversão desse processo, pelo contrário, ele aprofunda-se cada vez mais.

Para Santos (1982), o sistema de cidades nada mais é que uma projeção espacial de uma determinada forma de organização econômica e social. A urbanização na América Latina, diferentemente da europeia e mesmo asiática, tem sua gênese na ampliação do comércio no mundo e as cidades nascem então para atender às necessidades de intercâmbio da época moderna. "Todas as cidades latino-americanas nasceram a serviço das relações internacionais com países evoluídos. Esta é a outra característica específica da urbanização da América Latina, pois que se tratava de uma função original. A cidade surgiu a serviço de uma colonização verdadeiramente arraigada" (SANTOS, 1982, p. 13).

O Brasil é exemplo do papel exercido pelas cidades no comando da vida no território. A metrópole de São Paulo, apesar do crescimento populacional e econômico mais lento nos dias atuais, comanda fortemente os fluxos materiais e imateriais do território brasileiro e vem construindo também traços de um comando regional na América do Sul.

Segundo Santos (2004), a urbanização nos países periféricos ocorre sob bases distintas com relação aos territórios centrais. Uma dessas distinções é o fato da industrialização não ter sido o motor da industrialização da maior parte dos países periféricos, incluindo os territórios latino-americanos. A outra é que a urbanização obedece a interesses longínquos, dado o caráter de dependência dos territórios periféricos. Outra questão que importa na análise das cidades na América Latina é que estas não podem ser vistas como blocos maciços, mas como subsistemas: um subsistema superior e outro inferior formam o sistema urbano.

O circuito superior da economia refere-se às atividades modernas, ligadas às grandes empresas, ao sistema financeiro e à pesquisa científica de alta tecnologia. Em geral, os consumidores dos produtos vinculados a esse circuito são as pessoas das classes sociais mais elevadas. No circuito inferior da economia encontramos os objetos produzidos com grande volume de mão de obra, com pouca ou nenhuma qualificação, com reduzidos salários e sem carteira de trabalho assinada (em geral). Grosso modo, os consumidores do circuito inferior são

os pobres das cidades, que cada vez menos podem consumir suas necessidades no circuito superior. Os pobres das cidades encontram no circuito inferior uma maneira de sobrevivência, pois ele oferece trabalho, ainda que precariamente, bem como a possibilidade de consumo de produtos com baixos preços. A distinção desses dois subsistemas ocorre, sobretudo, quanto ao uso do capital, das tecnologias e quanto ao modo de organização. A gênese desses dois subsistemas é uma só: as modernizações tecnológicas.

São Paulo constitui-se em metrópole nacional do território brasileiro. Essa cidade concentra fortemente as atividades econômicas, sobretudo industriais e atividades do "quaternário superior", centraliza fluxos informacionais dada à presença de escritórios das grandes corporações mundiais. Entretanto, a metrópole de São Paulo, como expressão da urbanização de um país periférico revela as mais profundas contradições territoriais.

O atual fluxo migratório de bolivianos com destino a São Paulo coloca a metrópole em um novo papel no contexto regional, pois além de centralizar fluxos informacionais das atividades modernas e sofisticadas no território nacional, vem centralizando fluxos migratórios dos países vizinhos, processo recente que tem mudado a cara da metrópole.

Esses novos fluxos, diferentemente da imigração do passado, é constituída por população de países fronteiriços. Os bolivianos fogem da falta de perspectiva econômica de seu país de origem e se inserem na economia da metrópole nas atividades com baixo grau de modernização e que tem como base o trabalho intensivo. São atividades que, a princípio, pertencem ao circuito inferior da economia urbana.

Existem na metrópole de São Paulo outros fluxos migratórios associados a outros circuitos econômicos, circuito inferior, como o de bijuterias. Os peruanos e equatorianos são os protagonistas desse circuito (LAZO, 2001).

Tais dinâmicas levaram o governo brasileiro a decretar a anistia aos imigrantes indocumentados em 2009. Cerca de 50 mil pessoas se regularizam com a anistia (Polícia Federal, 2009). Além disso, houve avanços com a implantação da área de livre circulação de residentes do Mercosul (Mercado Comum do Sul) e países associados (Bolívia, Chile, Peru, Colômbia e Equador).

Dessa forma, encontramos na América Latina processos novos que demandam políticas públicas comuns. Os circuitos produtivos superiores e inferiores vêm se reorganizando. A população associadas a alguns circuitos, como o do vestuário e de bijuterias é formada por mão

de obra imigrante de países vizinhos ao Brasil, que migram com destino pré-estabelecidos. Novos desafios estão postos.

Territórios latino-americanos e os agentes do poder

A Geografia Política clássica, que teve Ratzel como precursor, considera o Estado como sendo a única fonte de poder e de estruturação do território. Estado é território, sendo as coletividades humanas a ligação entre o território e o Estado (RATZEL, 1982).

Raffestin (1993) vai destacar a necessidade de se considerar os outros agentes que atuam nas relações territoriais. Nesse sentido, indicamos que o circuito inferior das cidades dos países periféricos, como os territórios latino-americanos, demonstram a ação desses agentes territoriais e o dinamismo da vida de relações que vai para além do Estado, apesar desse permanecer como fonte inquestionável do exercício do poder.

Os bolivianos na metrópole de São Paulo organizam suas vidas – local de moradia, trabalho, compras, atividades de lazer e artísticas – de forma a resignificar áreas da metrópole. Ainda que não tenham o controle das variáveis do período, esses agentes usam de forma intersticial o território e compõem o sistema de ações e de objetos do território, bem como o animam. A Rua Coimbra (Foto 01) e a Praça Kantuta (Foto 02) são referências da comunidade boliviana em São Paulo como locais de vivência, compras, de encontro, de busca por trabalho e mesmo locais do exercício do trabalho. Esses lugares são expressões da materialização da integração latino-americana realizada por agentes não hegemônicos, mas que criam e usam o território segundo o seu poder.

FOTO 01: DINÂMICA DA RUA COIMBRA NO BRÁS AOS SÁBADOS

Fonte: Foto de Edu Chaves "Rua Coimbra – Braz – São Paulo – Sábado" postada no Fotografar Educhaves Blog. Disponível em <http://educhaves.wordpress.com/2010/02/01/exposicao-rubicoes-de-sao-paulo-conjunto-nacional/> Acesso em 09/12/2011.

FOTO 02: BOLIVIANOS ASSISTINDO ATIVIDADES CULTURAIS NA PRAÇA KANTUTA - 2010

Fonte: Trabalho de Campo; Silvana Cristina da Silva, 18/07/2010.

Além disso, as empresas tornam-se também agentes poderosos no controle e estruturação do espaço geográfico, agentes da criação da divisão territorial do trabalho, que ao mesmo tempo, são condicionados pelo território. A C&A por exemplo é uma rede de lojas do ramo de confecções de ação planetária, que se instala nos lugares onde haja mercado consumidor e, muitas vezes, articula a produção com o consumo.

A C&A é a terceira maior varejista de vestuário no Brasil segundo o critério número de lojas (Lojas da Rede C&A por municípios – janeiro de 2011). Esta é uma empresa de capital aberto de origem holandesa, fundada em 1841, chegou ao Brasil em 1976. A C&A pertence à COFRA Holding AG (sede na Suíça) e possui cerca de 1.500 lojas espalhadas pelo mundo, sobretudo na Europa, dois escritórios centrais (Dusseldorf na Alemanha e em Bruxelas na Bélgica) e 13 centros de distribuição (C&A, 2011).

A Alemanha constitui-se na principal área de atuação da empresa, com 458 lojas, seguida pelo Brasil com 181, Áustria com 142, Holanda com 125, Bélgica com 119 e França com 114. Possui aproximadamente 900 fornecedores para abastecimento de suas lojas, dos quais estão divididos em três grandes zonas geográficas pela empresa[3] (Subcontinente indiano, China e Turquia/Leste Europeu).

A Tabela 02 apresenta a quantidade de fornecedores da rede C&A e o número de oficinas subcontratadas por estes no território brasileiro. Vale ressaltar que mais da metade dos fornecedores e oficinas estão localizados no estado de São Paulo. Também destacamos que Santa Catarina, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná também abrigam significativamente a produção da rede no Brasil, são áreas de especialização.

[3] A porcentagem de unidades produzidas por países fornecedores em 2009: 30,6% China, 9,6% Índia, 9,1% Bangladesh, 6,5% Turquia, 6,3% Itália, 4,8% Vietnã, 3,7% Romênia, 3,3% Sri Lanka, 2,8% Bulgária, 2,1% Macedônia e 21,2% outros (C&A, 2011, p. 43).

TABELA 02: DISTRIBUIÇÃO DOS FORNECEDORES E OFICINAS DA REDE C&A NO BRASIL - 2009

Estados	Fornecedores	Oficinas	%
São Paulo	262	1069	55,1
Santa Catarina	72	431	22,2
Minas Gerais	56	138	7,1
Rio Grande do Sul	46	102	5,3
Paraná	16	68	3,5
Rio de Janeiro	49	41	2,1
Rio Grande do Norte	2	34	1,8
Espírito Santo	14	26	1,3
Goiás	4	11	0,6
Ceará	8	10	0,5
Mato Grosso do Sul	7	6	0,3
Bahia	9	3	0,2
Mato Grosso	0	1	0,1
Pernambuco	4	1	0,1
Paraíba	4	0	0
Sergipe	3	0	0
Total	**556**	**1941**	**100**

Fonte: SILVA, 2012.

A busca por mão de obra e mercado consumidor move a ação das empresas. O desenvolvimento dos sistemas de transporte e comunicação foi fundamental para que as empresas pudessem ganhar mais mobilidade na busca da *mais valia*. Elas procuram articular, com o suporte da logística, formas de tornar a produção e o consumo cada vez mais rápidos.

O ramo do vestuário é exemplar neste sentido, pois necessita de muita mão de obra e a reorganização do circuito espacial de produção desse ramo no Brasil na década de 1990 apoiou-se na logística e na incorporação de subcontratação de oficinas de costura de forma sistemática, especialmente pelas grandes redes de comércio. Grande parte das oficinas de costura subcontratadas pelas grandes empresas utiliza de mão de obra imigrante na metrópole, especialmente de bolivianos. Deste modo, encontramos os nexos entre os agentes do circuito superior e do circuito inferior da economia, ao mesmo tempo, visualizamos a existência e a interdependência entre os agentes que possuem poder e estratégias de organização e uso do território distintos.

Considerações Finais

A diversidade da América Latina também tem sido a força criativa de sobrevivência dos pobres. Entretanto, as desigualdades territoriais na região têm sido fortemente exploradas pelos agentes econômicos. As cidades, sobretudo as metrópoles como São Paulo tem oferecidos tais possibilidades e, por isso vêm comandando os fluxos migratórios regionais. O circuito superior e inferior de produção de confecção presentes na cidade de São Paulo revela o *território usado* (SANTOS E SILVEIRA, 2001) pelos agentes econômicos. Estes têm distribuído as etapas produtivas, segundo as possibilidades da especialização histórica dessa cidade. Os agentes que comandam a valorização do circuito de acumulação vêm utilizando-se das assimetrias territoriais regionais para aumentar a mais-valia.

Com a globalização, as possibilidades de mobilidade das mercadorias e do dinheiro também trouxeram as possibilidades e mobilidade da força de trabalho. Tradicionalmente, pelas mãos das mídias hegemônicas, as migrações internacionais são apresentadas como um problema para os países do Norte, especialmente Estados Unidos, União Européia e Japão (a famosa Tríade). No entanto, as migrações "Sul / Sul" vem ganhando evidencia. As desigualdades territoriais entre os países periféricos também vem induzindo migrações[4]. Esse é o caso dos bolivianos no Brasil. Dessa forma, o circuito inferior da economia urbana ganha novas feições, pois por um lado há capilaridade, enraizamento desses grupos sociais numa nova divisão social e territorial do trabalho construída no centro da cidade de São Paulo, e, por outro lado, o circuito inferior, tradicionalmente uma atividade intraurbana, ganha dimensões internacionais em razão da dinâmica das redes estabelecidas pelos imigrantes.

Pensar a América Latina hoje é pensar nos novos projetos para cada formação socioespacial que a compõe, além dos novos projetos de integração entre os territórios latino-americanos. Igualmente, não se pode refletir sobre esses territórios sem realizar a análise da urbanização. Não aquela urbanização vista segundo os paradigmas dos países de centro, em que o ciclo da urbanização na América Latina chegaria ao amadurecimento quando atingíssemos a fase do aumento do setor terciário, marcando a fase do desenvolvimento. Ou seja, implica em pensar a existência de dois subsistemas urbanos e pensar em políticas territoriais que abriguem as necessidades do circuito inferior.

O período da globalização, conforme Santos (2000), que se apresenta como fábula, como perversidade, pode também se apresentar como possibilidades. Nestas possibilidades incluem-se todos os agentes que compõem a vida de relações dos lugares. Ainda que eles tenham distintos poderes de organiza-lo, todos participam da divisão territorial do trabalho e interagem entre si. Daí a compreensão da integração latino americana não poder considerar apenas o Estado como único ator. Os imigrantes e as empresas conectados ao ramo do vestuário indicam que o processo de globalização requalifica as interações espaciais no período atual.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo; companhia das letras, 2008(1983).

CEPAL. Observatório Demográfico da America Latina e Caribe. **Urbanización em perspectiva**, n. 08, outubro de 2009. Disponível em: < http://www.eclac.org> Acesso em 11/08/2012.

C&A. (2009). **Relatório de sustentabilidade 2009 – De pessoas, por pessoas, para pessoas**. Disponível em < http://www.cea.com.br/front/pdf/relatorio_portugues.pdf> Acesso em 20/02/2011.

CORRÊA, R. L. "Interações Espaciais". In: CASTRO, I. E de, GOMES, P. C. da, CORRÊA,R. L. (orgs.) **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 279-318.

COSTA ,Wanderley Messias da , "O Brasil e a América do Sul: cenários geopolíticos e os desafios da integração ", **Confins** [Online], 7 | 2009, posto online em 31 Outubro 2009, Consultado o 12 Agosto 2012. URL : http://confins.revues.org/6107 ; DOI : 10.4000/confins.6107.

GEORGE, Pierre. **A ação do homem.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

LAZO, Albino Ruiz. O mundo é amplo e alheio - Dos Andes a São Paulo. **Braudel Papers**, n. 28, 2001. p.01 a 16. Disponível em: < http://pt.braudel.org.br/publicacoes/braudel-papers/downloads/portugues/bp28_pt.pdf> Acesso em 13/08/2012.

MORAES, Antonio Carlos. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Hucitec, 2002.

[4] Dados da Polícia Federal apontam que há 1.233.000 imigrantes regularizados no Brasil. Desses, 233.231 seriam sulamericanos. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/ultnot/internacional/2009/07/02/ult1859u1169.jhtm> Acesso em 14/07/09).

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** São Paulo: Edusp, 2004 [1979].

_____."Sociedade e Espaço: A Formação Social Como Teoria e Como Método". In: **Boletim Paulista de Geografia**, nº 54. São Paulo: AGB, 1977. p. 81-99.

_____. **Ensaios sobre a urbanização latino-americana**. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2002 [1996].

_____. ***Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Milton e SILVEIRA Maria Laura. **O Brasil Território e Sociedade no Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RATZEL, Friedrich. "O solo, a sociedade e o Estado". In: **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo, FFLCH-USP, n. 2, pp. 93-101, 1982.

SILVA, Silvana Cristina da. **Circuito espacial produtivo das confecções e exploração do trabalho na Metrópole de São Paulo. Os dois circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP).** Tese de doutorado, Departamento de Geografia IG/UNICAMP. 362p

Sites consultados:

http://www.eclac.org/

http://www.pnud.org.br/rdh/

http://www.mercosul.gov.br/

http://www.abit.org.br/site/